

ISABEL MAIA GONÇALVES

A minha avó era uma pessoa autónoma. Das mais lúcidas da família. Na nossa casa agrícola, conseguiu sempre manter-se activa. Nós tínhamos prometido, ao meu avô, que cuidaríamos dela até ao último dos seus dias. Até isso a Covid nos roubou. Perdemos-la na segunda vaga. Esteve 18 dias internada. Quando foi para o hospital, quando entrou na ambulância, foi angustiante. Já não a vemos mais... Mas vimos, porque naquele hospital permitiam a despedida. Estamos muito gratos! Não sei se estarão reunidas condições, nomeadamente de disponibilidade de pessoal, num contexto de caos como o actual, para dar essa opção aos familiares. Em muitos hospitais talvez não existam. Então, os familiares verão apenas uma caixa, onde dizem que jaz, no interior, um corpo despojado de bens. Uma caixa que nem podem velar. A Covid também nos roubou um luto apaziguador.

Na enfermaria da ala Covid, há uma linha amarela no chão, a dividir o espaço do corredor. Foi a primeira coisa em que notei. À direita circulam "astronautas". Todas as portas estão fechadas. Dão acesso aos quartos. Quatro doentes por quarto. Num deles estava a minha avó. Sigo a enfermeira até à divisão, do lado esquerdo da linha, onde me vestem de astronauta para me ir despedir dela. Minutos antes, a minha mãe. Quis ser a primeira. As netas seriam depois. Então eu subi, quando ela desceu destruída. Confesso que as pernas me quiseram falhar, no caminho para o elevador. E eu só pensava "Agora não, agora não. Não me podem falhar." Uma angústia no peito. Um vazio na cabeça. O que lhe vou dizer? Não hesitei quando me deram a oportunidade de me despedir. Então e agora? Agora nada. Atravessei a linha amarela para o lado do medo. Vê-se bem, muito bem, o medo na cara das pessoas, quando se abre a porta do quarto. Olharam-me 3 pessoas. A da quarta cama tinha a cortina corrida. Era ela. Com a máscara de oxigénio de alto débito, num estado de semiconsciência, a dormir sob o efeito da morfina. Lembro-me de olhar para a seringa da morfina e de achar que a dose deveria ser aumentada. Por isso, não quis demorar. Consegui voltar à sala de espera do hospital. Não me lembro muito bem como. Descobri que consigo ver através da água. Subiu a minha irmã, por fim. E voltou no único estado possível.

Não sei como é descer ao Inferno, mas naquele dia vi como era subir. Ficava no 4º piso.

Sabem o que disse à minha avó? Nada. Não saiu nada. Apenas os meus olhos se despediram dela. No dia antes de descobrirmos que ela tinha Covid, liguei-lhe para agradecer por me ter doado (por procuração) o terreno, onde estou a construir o estábulo

novo para as nossas vacas. Respondeu-me "Eu só quero que sejas muito feliz e no que depender de mim serás". Chorei. Despedimo-nos ali.